

O Método de Observação na Psicologia: Considerações sobre a Produção Científica^{1/2}

Débora Staub Cano
Izabela Tissot Antunes Sampaio
Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO

O presente artigo visa fornecer um panorama geral da produção científica que utilizou a observação como método de pesquisa, através do levantamento de artigos, dissertações e teses disponíveis em bases de dados nacionais importantes (*Index Psi* e *Scielo*). Na busca pelo material, foram considerados os artigos/pesquisas encontrados quando os termos *observação* e *observacional* e a expressão *método observacional* estavam no título, resumo ou palavras-chave. Apenas alguns dos artigos selecionados foram consultados integralmente, quando havia dúvidas sobre o método. Foram encontradas 116 pesquisas, datando da década de 1970 até 2006, principalmente nos periódicos *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *Psicologia*, *Estudos de Psicologia* (Natal), *Revista Brasileira de Psicanálise* e *Alter*. Crianças em diferentes situações e a relação mãe-bebê, bem como o método de observação na formação dos psicólogos e os conceitos e técnicas observacionais foram os alvos mais comuns das pesquisas que utilizaram o método observacional. Ao final, é feita uma discussão metodológica e conceitual sobre a observação, considerando a utilização do método na construção de protocolos de pesquisa, e sobre o uso de recurso áudio-visual como uma técnica eficaz na coleta e categorização dos dados.

Palavras-chave: observação; método observacional; publicação em Psicologia.

ABSTRACT

The Observational Method in Psychology: Considerations for Scientific Production

The aim of the current report is to offer a global view of the scientific reports which have used observation as a research method, through a survey of articles, dissertations and theses available in important Brazilian data bases (*Index Psi* and *Scielo*). Papers were considered when “*observation*”, “*observational*” or “*observational method*” was in the title, abstracts or keywords. Only a few articles were read entirely if there were doubts as to the method used. One hundred and sixteen publications were selected, dating from 1970 to 2006, in the following serial browsings: *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *Psicologia*, *Estudos de Psicologia* (Natal), *Revista Brasileira de Psicanálise* and *Alter*. Children in different situations and mother-baby interactions, as well as the observational method in psychologists’ formation and observational concepts and techniques were the most common themes found in the papers. Finally, there is a methodological and conceptual discussion considering observation as a method used to create research protocols, as well as the audiovisual source as an efficient technique to obtain and categorize data.

Keywords: observation; observational method; publication in Psychology.

No campo do saber científico, a escolha do método a ser utilizado pelo pesquisador está vinculada ao fenômeno tomado como objeto de estudo. Na Psicologia, uma das opções metodológicas diz respeito ao método observacional. Esse método mostra-se relevante especialmente para entender o que os organismos fazem e sob quais circunstâncias (Danna & Matos, 2006), e nos estudos que envolvem interações humanas, visto haver situações que dificilmente poderiam ser captadas ou apreendidas de outra forma (Dessen & Murta, 1997; Kreppner, 2001).

A observação informal de situações cotidianas é diferente da observação científica, pois a última possui uma finalidade conhecida de antemão, descrita através dos objetivos (Danna & Matos, 2006) e que é atentamente buscada (Ferreira & Mousquer, 2004). Mestre, Moser e Amorim (1998) ressaltam que a importância da observação e do registro sistemático do comportamento está no quanto a sociedade pode se beneficiar com a descrição minuciosa do comportamento, pois ela permite que profissionais de diferentes áreas possam se comunicar acerca de um fenômeno

observado a partir de suas principais características. Um exemplo claro disso é a construção do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM), criado pela Associação Norte-americana de Psiquiatria, em 1952.

Os dados coletados a partir da observação fornecem subsídios para diagnosticar uma situação-problema, facilitar a escolha das técnicas e procedimentos empregados na pesquisa e na avaliação da sua eficácia (Danna & Matos, 2006). Segundo Fagundes (1999), “a observação comportamental é importante para psicólogos, modificadores do comportamento e pesquisadores, servindo-lhes como um instrumento de trabalho para obtenção de dados que, entre outras coisas, aumentem sua compreensão a respeito do comportamento sob investigação” (p. 23).

Na década de 1940, com a ênfase no estudo do comportamento observável influenciado pelo behaviorismo, a observação era tida como uma técnica complementar à experimentação (Z. M. M. Alves, 1998), tendo sido considerada como de menor valor devido à interferência do observador no meio pesquisado, o que acarretaria a perda do rigor científico e da objetividade do estudo (Dessen & Murta, 1997; Kreppner, 2001). Para Dessen e Borges (1998), contudo, os últimos anos vêm mostrando um crescente interesse pela utilização de estratégias observacionais, tanto para a coleta de dados quanto para a avaliação psicológica e construção de instrumentos de medida de comportamentos.

Com o objetivo de expor algumas considerações sobre o que vem sendo produzido na área de Psicologia a partir do uso do método observacional, este artigo visa analisar dados da produção científica divulgada *on line*, discutindo vantagens, limitações e possibilidades do uso da observação.

MÉTODO

O levantamento de dados foi realizado a partir de buscas em importantes bases de dados nacionais: *In-*

dex Psi (Conselho Federal de Psicologia) e *SciELO*. A seleção dos trabalhos obedeceu a critérios específicos, considerando os termos *observação* e *observacional* e a expressão *método observacional* encontrados no título, resumo e/ou palavras-chave. Quando não havia clareza do método utilizado na descrição da pesquisa, o texto era consultado na íntegra. Cabe salientar, ainda, que alguns trabalhos fornecidos pelas bases de dados não foram considerados, uma vez que a palavra *observação* estava sendo utilizada conforme a acepção do senso comum (no sentido de perceber, verificar), ou como um conceito específico referindo-se à *aprendizagem por observação*, e não como método.

Foram priorizados os artigos de periódicos, dissertações e teses da área da Psicologia analisados e classificados segundo o periódico e ano em que foram publicados, além do tema apresentado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seleção dos trabalhos permitiu identificar 95 artigos científicos, 14 dissertações de mestrado e sete teses de doutorado, totalizando 116 pesquisas que utilizaram o método observacional, e que estão disponíveis *on line* nas bases anteriormente citadas.

Período de publicação

Segundo Batista (1996), a década de 1970 foi marcada pelo início do uso de estratégias observacionais no Brasil, concomitantemente à implementação dos cursos de Pós-Graduação em Psicologia no país. Kreppner (2001) também afirma que, durante os últimos anos dessa década, o método de observação passou a contemplar os primeiros meses de vida e a infância do ser humano, sendo que, em 1983, ela passou a ser aceita como um método próprio de se obter informação sobre as interações entre bebês e seus cuidadores. Esses dados são apoiados pelos anos de publicação dos artigos encontrados, uma vez que não houve ocorrência de artigos anteriores ao ano de 1977, o que pode ser visualizado na Tabela 1.

TABELA 1
Distribuição dos Artigos Sobre Observação Considerando os Períodos de Publicação

Período	Artigos	Dissertações	Teses
1977 - 1979	8	3	1
1980 - 1989	20	3	1
1990 - 1999	25	3	5
2000 - 2006	42	5	0
Total (N)	95	14	7

Os dados de distribuição de artigos, conforme o ano, permitem perceber que houve um crescimento do número de artigos publicados no decorrer dos anos. Entretanto, esses dados devem ser considerados tendo-se em vista que a partir da década de 1990 houve um aumento da utilização da internet como meio de divulgação de trabalhos científicos, facilitando o acesso, publicação e divulgação de dados de pesquisa.

Com relação às dissertações e teses disponíveis, percebe-se que as primeiras se mantêm em número relativamente estável, o que não ocorre com as teses, que têm uma ocorrência bastante significativa na década de 1990. Nesse sentido, pode-se pensar que, se há um número expressivo de artigos publicados em periódicos, esses provavelmente derivem em parte de

dissertações e teses. Supõe-se que a publicação das mesmas na íntegra não seja uma prática difundida e, portanto, elas não estejam acessíveis nas bases de dados consultadas.

Artigos em periódicos

Examinando-se a Tabela 2, verifica-se que 61,1% dos artigos foram publicados em apenas sete periódicos (*Psicologia: Reflexão e Crítica*, *Psicologia*, *Estudos de Psicologia* (Natal), *Revista Brasileira de Psicanálise*, *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *Psicologia em Estudo* e *Alter*), enquanto os demais foram encontrados em outros 25 (38,9%) periódicos.

TABELA 2
Distribuição dos Artigos Considerando os Periódicos em que Foram Publicados

Periódico	Quantidade (N)	Percentual (%)
Psicologia: Reflexão e Crítica	13	13,7
Psicologia	11	11,5
Estudos de Psicologia (Natal)	9	9,5
Revista Brasileira de Psicanálise	9	9,5
Psicologia: Teoria e Pesquisa	6	6,3
Psicologia em Estudo	5	5,3
Alter	5	5,3
Outros	37	38,9
Total	95	100

Pela Tabela 2 podemos constatar que 25,2% dos artigos foram publicados em apenas dois periódicos: *Psicologia: Reflexão e Crítica* (13,7%) e *Psicologia* (11,5%), os quais se destacam entre os 31 outros que complementam 74,8% da amostra.

Temas abordados

Os assuntos mais frequentes nos artigos referem-se a crianças em diferentes situações, à relação mãe-bebê, ao método de observação na formação dos psicólogos, e a conceitos e técnicas relacionadas ao método observacional, os quais totalizam 62,1% dos

temas desenvolvidos. Esses assuntos se repetiram nas dissertações e teses consultadas, as quais foram desenvolvidas principalmente na Universidade de São Paulo (USP). Além desses temas, foram encontrados outros que apresentaram certa frequência, porém em menor escala, sendo bastante variáveis, como: desempenho de professores, pessoas doentes/hospitalizadas, comportamento humano no trânsito, manejo e diagnóstico clínico, e criação de protocolo de observação, especialmente. Os principais temas são encontrados na Tabela 3.

TABELA 3
Principais Temas Abordados nos Artigos, Dissertações e Teses

Tema	Quantidade (N)	Percentual (%)
Crianças	27	23,3
Relação mãe-bebê	23	19,8
Aprendizagem do método de observação na formação de psicólogos	12	10,4
Considerações sobre o método de observação	10	8,6
Relação professor-aluno	6	5,2
Adolescentes institucionalizados e abrigados	5	4,3
Outros	33	28,4
Total	116	100

As principais variáveis relacionadas à observação de crianças foram: situação de jogo, interação entre irmãos, ansiedade, qualidade da fala, particularidades comportamentais de crianças com necessidades especiais, em situação de sala de aula, creche e abrigos, brincadeira e relação de cuidado entre elas. O segundo tema mais abordado nos artigos consultados refere-se à “relação mãe-bebê” que, conforme Zamberlan (2002), tem sido amplamente desenvolvida nas últimas quatro décadas, tendo como precursor os estudos de Bowlby, de 1951, o qual pesquisou a interação mãe-criança enfocando as relações de apego. Da mesma forma, através da obra *Ensaio Sobre a Sexualidade Infantil*, de Freud, em 1905, a Psicanálise também marcou um passo significativo ao postular a infância como de fundamental valor para o desenvolvimento do indivíduo, ressaltando a importância de se observar diretamente as crianças (Piccinini e cols., 2001).

Os estudos sobre as interações mãe-bebê contribuem significativamente para uma melhor compreensão do processo de desenvolvimento, sobre as competências do bebê e sua inserção no complexo sistema de interações sociais/culturais (Seild-de-Moura e cols., 2004; Zamberlan, 2002). Nesse contexto, um dos métodos de observação que ganha destaque, em alguns artigos pesquisados, diz respeito ao Método de Observação Psicanalítica Mãe-Bebê, de autoria de Esther Bick, desenvolvido na Clínica de Tavistock, em 1948.

O “método Bick”, como é referenciado, pode ser definido, resumidamente, pela observação direta do recém-nascido em seu ambiente natural, ou seja, no contexto familiar em que se desenvolve ao longo dos dois primeiros anos de vida. A metodologia prevê que o observador estabeleça um dia fixo para observação por semana, e descreva tudo aquilo que for coletado

em linguagem coloquial, com detalhes, incluindo vivências e sentimentos do observador frente à díade e em relação a si mesmo (triáde). Esse material deverá compreender relatórios que servem de subsídio para discussão em supervisão do grupo em formação psicanalítica (Piccinini e cols., 2001).

A despeito da relação mãe-bebê ser um tema bastante disseminado no saber psicológico, foi encontrado apenas um artigo que relatasse um pouco da relação pai-bebê, em uma pesquisa desenvolvida por Levandowski e Piccinini (2002). Segundo Bandeira, Goetz, Vieira e Pontes (2005), o papel do pai no desenvolvimento infantil só passou a ser reconhecido como um fator relevante de estudo a partir da obra *O Papel do Pai no Desenvolvimento Infantil*, de Michael Lamb, de 1976, nos Estados Unidos.

A justificativa dos autores (Levandowski & Piccinini, 2002) para a realização da pesquisa embasa-se na escassez de trabalhos que considerem também o papel do pai no desenvolvimento infantil, especialmente de pais adolescentes. Nesse caso, a observação da interação pai-bebê foi baseada em um roteiro de observação familiar e um protocolo sobre avaliação da sincronicidade dos comportamentos da díade, tendo sido observados pais adolescentes e adultos em interação com seus bebês de três meses de idade.

Especificamente, porém, a partir da análise mais aprofundada sobre os temas abordados nos dois principais periódicos (*Psicologia: Reflexão e Crítica* e *Psicologia*), constatou-se que a primeira (*Psicologia: Reflexão e Crítica*) teve como temática mais frequentemente pesquisada as interações sociais, especialmente relações intra-familiares (mãe-criança, irmãs, intergeracionalidade) e entre educadores e adolescentes institucionalizados. Ressalta-se que os artigos disponíveis são recentes, visto que os anos de publicação

datam de 1998 a 2006. Esses dados podem sugerir o quanto nas últimas décadas a Psicologia passou a se dedicar ao estudo dos indivíduos em relação uns com os outros e com o meio, e não apenas ao sujeito “isolado”. De acordo com Kreppner (2001), os pesquisadores deveriam “tentar registrar seqüências de comunicação intra-familiares e ciclos de ação-reação, ao estudarem as interações familiares do dia-a-dia, o que poderia ajudar (...) a encontrar um arcabouço categórico mais estruturado, englobando o modo específico da família administrar a vida” (p. 101).

As relações familiares, em especial, ganharam mais espaço, tendo sido incrementadas as discussões na área (Carter & McGoldrick, 2001). Para Dessen e Silva Neto (2000), a “*família*, como um contexto dinâmico e único para crianças em desenvolvimento, tem sido negligenciada como um tópico proeminente, tanto na pesquisa sociológica quanto na psicologia do desenvolvimento” (p. 1). Todavia, os autores apontam que, recentemente, o tema “família” tem ganhado espaço dentro da Psicologia, mostrando-se uma tendência norteadora de pesquisas futuras. Ainda discutem que, embora o contexto “família” tenha sido de interesse de estudos para compreensão do indivíduo, foi a partir da década de 1970, com os trabalhos de U. Bronfenbrenner, que as pesquisas empíricas sobre o tema passaram a ser realizadas.

Da mesma forma que as relações familiares ganharam proeminência nos últimos anos, um fator decorrente foi a preocupação com crianças e adolescentes abrigados e institucionalizados. Sabendo-se da importância dos pais no desenvolvimento dos filhos, urge o questionamento de como se desenvolvem as crianças e adolescentes que não foram criados pelos pais, mas em instituições. O papel do cuidador (educador social) dessas instituições passa a ser observado e relacionado ao já conhecido saber da importância do apego e do vínculo ao ser humano (Alexandre & Vieira, 2004). Assim, nos artigos encontrados a esse respeito, o alvo da observação foi principalmente a interação entre o cuidador e as crianças e/ou adolescentes. Nesse sentido, os estudos da interação humana são fundamentais para o desenvolvimento da Psicologia, especialmente por possibilitarem conhecer e desvendar aspectos do desenvolvimento humano (Piccinini e cols., 2001).

O periódico *Psicologia*, por sua vez, teve como principal temática assuntos relacionados a comportamentos em contextos escolares (relação professor-aluno, desempenho do professor, crianças em sala de aula), bem como discussões da observação como mé-

todo de pesquisa. Os anos de publicação, porém, são mais antigos, datando de 1977 a 1991. Nesse sentido, Pan (1997) coloca que a partir da década de 1980, no Brasil, surgiram novos posicionamentos dentro da Psicologia da Educação que desfocalizaram o aluno como “portador de patologias de aprendizagem”, gerando um debate sobre a origem das patologias, se decorrentes de fonte orgânica/biológica ou relacionadas ao meio social. Nesse movimento, a Psicologia se aproximou da educação em dois sentidos principais: na ordem de políticas escolares (perspectiva institucional) e na individual, enfocando as condições de aprendizagem do aluno.

CONSTRUÇÃO DE PROTOCOLOS

Foram encontrados dois artigos (P. B. Alves e cols., 1999; Machado, 1984) e uma dissertação de mestrado (Batista, 1978) que referiram terem utilizado a observação como uma técnica que permitiu a construção de um protocolo de avaliação. As três pesquisas realizaram observações em situação naturalística, ou seja, no ambiente natural em que o fenômeno ocorreu, podendo o pesquisador estar inserido no contexto ou fora dele (Cozby, 2003). Esse tipo de observação difere da sistemática (ou de laboratório), porque, nesse caso, comportamentos específicos são selecionados para serem observados num ambiente particular.

Dessen e Murta (1997) ressaltam que as observações no campo natural, onde ocorre o fenômeno estudado, permitem o acesso a características comportamentais talvez não acessíveis em laboratório. Assim, a validade externa é favorecida, embora a validade interna possa estar comprometida pela presença do observador no contexto. As autoras ainda citam como uma fonte de erro, no processo de representação da realidade, a mudança de comportamento dos observados devido à presença do observador. Elas enfatizam a necessidade de o pesquisador definir *onde, quem, como, qual comportamento, quais aspectos e por quanto tempo* o fenômeno escolhido será alvo de observação.

No caso da pesquisa de P. B. Alves e cols. (1999) foram observados meninos de rua em seu cotidiano, com o objetivo de se compreender um pouco melhor o desenvolvimento dessas crianças que vivem em situação de risco. Machado (1984), por sua vez, teve como objetivo descrever o comportamento verbal do professor e dos alunos, em sala de aula, através do registro das seqüências das verbalizações de cada um deles, em separado e em interação. Já Batista (1978) elabo-

rou um catálogo de comportamentos motores de pais e seus filhos pequenos durante uma situação de refeição, constando de 123 verbos definidos e codificados e de uma relação de termos da oração utilizados junto aos verbos. As definições dos verbos foram escritas sob a forma de uma contingência de três termos, indicando condição, resposta e produto. As três pesquisas objetivaram criar, a partir dos dados de observação, um protocolo categorial que possibilitasse apreender tais fenômenos estudados.

Antes de construir seu sistema de categorias, porém, é conveniente que o pesquisador realize uma coleta de dados com viés mais qualitativo, para que esta primeira análise forneça subsídios para a seleção dos aspectos mais relevantes, para que depois se proceda à análise quantitativa, baseada nas categorias (Dessen & Murta, 1997). A esse respeito, P. B. Alves e cols. (1999) discutem sobre a necessidade de um estudo-piloto buscando parâmetros para a criação de uma metodologia própria considerando o contexto (no caso, da rua) que, além de muito dinâmico, caracteriza-se por uma complexidade de eventos e situações. Optou-se pela realização de registros cursivos, em situação naturalística, para posterior categorização dos dados.

Objetiva-se, assim, expressar dimensões mais amplas e qualitativas; valorizando-se mais o recorte das interações sociais, e nem tanto o comportamento individual. Ressalta-se que a “descrição das interações e relações sociais deve abranger dimensões tais como: conteúdo, qualidade, diversidade, padrões de frequências relativas, reciprocidade e complementaridade, bem como qualidades multidimensionais em diferentes níveis: moral, cognitivo e afetivo” (Dessen & Murta, 1997, p. 50).

Por outro lado, quando o observador já define anteriormente o fenômeno que vai estudar através da observação, ele realiza uma observação sistemática, também chamada estruturada, planejada. Nesse caso, geralmente as categorias de análise do objeto de estudo são construídas *a priori*, e os comportamentos a serem analisados (unidades de análise) já estão estruturados numa planilha ou em outro meio mais objetivo de registro, como um roteiro de observação. Priorizam-se os aspectos e situações representativos e relevantes para os sujeitos em observação; portanto, não se descreve mais *exaustivamente* os comportamentos, mas *seleciona-se* os de interesse da pesquisa. Isso porque, muitas vezes, ao final de uma exaustiva observação, em que não se define de antemão o que será foco da pesquisa, observa-se de tudo um pouco, re-

sultando em pouca consistência de dados, ficando a pesquisa muito genérica (Dessen & Murta, 1997).

Segundo Z. M. M. Alves (1988), definidos os sistemas de categorias, retorna-se à quantificação dos dados, em que são realizados os procedimentos como tabulação dos dados, cálculos de percentagem e elaboração de gráficos. Partindo de dados subjetivos (interações sociais), busca-se transformar dados em valores numéricos para, posteriormente, realizar um tratamento de ordem matemático-estatística que permita atingir requisitos mínimos necessários para a estipulação de parâmetros, que possibilitem a generalização dos dados na tentativa de gerar dados universais. Não se pode perder de vista, porém, que a observação é também um “recorte da realidade”, uma vez que focaliza determinado objeto, num espaço de tempo, o que denota certos limites temporais que impedem, algumas vezes, uma generalização ou transposição de dados para outro contexto (Kerlinger, 1980).

No entanto, esse tipo de análise, que a autora (Z. M. M. Alves, 1988) chamou de “análise quantitativa-interpretativa”, não se restringe à descrição dos comportamentos, mas inclui interpretações em que aspectos qualitativos aparecem. Por isso, atualmente, quando se realizam pesquisas observacionais, geralmente são feitas contextualizações do meio em que a pesquisa é realizada, pois toda observação se dá em um contexto sócio-histórico que não pode ser ignorado.

Essa análise proposta por Z. M. M. Alves (1988) foi eleita como mais adequada para a pesquisa de crianças em situação de rua (P. B. Alves e cols., 1999), uma vez que se fazia necessário contextualizar o meio em que as observações ocorriam. Seguem-se, assim, os passos da investigação, ou seja, o momento em que se analisa cada comportamento ou resposta, agrupando-os em proximidade de sentidos e significados, e posteriormente a etapa da categorização. Essa, por sua vez, obedece a critérios de “*exaustividade* (análise de todas as formas de respostas obtidas), *exclusividade* (cada categoria classifica um grupo de respostas) e *manutenção* (as categorias devem ter um mesmo nível de inferência e interpretação das respostas, evitando-se grandes oscilações no contínuo objetividade-subjetividade)” (P. B. Alves e cols., 1999).

Assim, uma das questões que se coloca para a metodologia observacional diz respeito às dimensões quanti/qualitativas, as quais permeiam todo o processo, desde a coleta de dados até a forma de análise dos mesmos. Nesse sentido, Silva (1998) é enfática ao afirmar que a dicotomia quantitativo *versus* qualitativo

vo é falsa. Isso porque possíveis críticas a qualquer um dos métodos não diz exatamente da forma como se coleta e se trata os dados (como análise estatística, por exemplo), mas da forma paradigmática apreendida, ou seja, qual a visão de mundo subjacente à prática.

Alega-se, portanto, que a relação entre os métodos qualitativos e quantitativos é de complementação, e não oposição. Isso quer dizer que podem ser utilizados na mesma pesquisa, um dando suporte ao outro ou até sinalizando outras contribuições (por exemplo, através de certos resultados de uma pesquisa qualitativa desenvolver outra do tipo quantitativo para abranger uma amostra maior).

USO DE VÍDEO

A metodologia observacional, permeada por questões da dicotomia quanti/quali, ainda contém diversos aspectos que devem ser pensados quanto ao seu método, como a posição do observador, seu papel na pesquisa, outros recursos disponíveis que facilitam o rigor metodológico e que atualmente vêm sendo amplamente difundidos, como o uso de recurso áudio-visual.

Por muito tempo, na pesquisa observacional, o pesquisador foi considerado como um elemento de interferência, fonte de erro, pois a sua posição implicava uma postura desprovida de neutralidade, que comprometia os resultados obtidos. A interação que se desenvolve entre o observador e o sujeito, ao longo de várias sessões de observação, pode funcionar como fonte de erro e “contaminação”, em decorrência de seu contato com o meio observado ao longo do tempo (Dessen & Murta, 1997). Desse modo, o treinamento dos observadores leva em consideração a possível interferência desse processo de familiarização, uma vez que utiliza outros sujeitos que não os da pesquisa. Entretanto, Kreppner (2001) coloca que a idéia de um observador imparcial é aparentemente irracional uma vez que cada pessoa percebe o mundo com um conjunto de expectativas.

Mesmo compreendendo que o observador não tem como ser absolutamente imparcial, alguns cuidados quanto ao rigor metodológico devem ser mantidos para assegurar maior validade ao estudo. Somente assim a observação terá sido mais criteriosa e menos permeada de fatores subjetivos, não perdendo o rigor do trabalho, de modo que possa vir a contribuir na área de conhecimento que se propõe investigar.

Conforme Dessen e Murta (1997), em geral, a fidedignidade, pela qual se pretende estabelecer credi-

bilidade dos dados observados, é feita a partir do cálculo de concordância realizado entre duas ou mais pessoas que observam o mesmo evento, registrando-o de forma independente, para verificar a extensão do acordo entre os protocolos de registro.

O aprimoramento das técnicas de coleta de dados na pesquisa observacional, como o uso da filmagem, por exemplo, é um excelente fator de otimização dos dados. A filmagem, especificamente, possibilita rever os eventos por meio de câmera lenta ou congelamento da imagem. Dessen e Murta (1997) colocam que, em se tratando do registro de interações sociais, pelo qual se considera o comportamento de todos os participantes da interação, o uso da gravação em vídeo mostra-se um recurso muito valioso.

No levantamento aqui realizado, foram encontrados sete artigos e quatro dissertações de mestrado (9,5% da amostra total) que utilizaram o recurso áudio-visual para coletar os dados da pesquisa. Vale ressaltar que dos 11 temas estudados, sete tinham como alvo de observação as crianças, sendo que em um deles as crianças eram portadoras da Síndrome de Down e em outro eram crianças autistas. Outro artigo referiu ter observado pacientes psiquiátricos ambulatoriais. Percebe-se, desse modo, que a observação mostra-se uma ferramenta muito útil na coleta de dados de pessoas que não teriam outra forma de informar o que é de interesse da pesquisa, através de questionários ou entrevistas, já que esses gerariam dificuldades para as crianças ou para pessoas que não se encontram perfeitamente bem de saúde para relatar sobre sua vida.

Nesse sentido, Dessen e Murta (1997) ressaltam que o uso de filmagem, somado à experiência do observador, à explicitação dos critérios de recorte e categorização e ainda à familiarização com o objeto de estudo, conferem indícios de grande rigor e confiança aos dados auferidos. Assim, Dessen (1995) levanta um questionamento quanto à necessidade de se estimar fidedignidade quando se utiliza a tecnologia de vídeo.

Para ilustrar a necessidade de fidedignidade entre observadores, foram consultados na íntegra três artigos que utilizaram vídeo na coleta de dados. Um deles tratou da interação familiar de crianças com síndrome de Down (Dessen & Silva, 2003), obtendo o índice global de fidedignidade de 68,7%. Outra (Carvalho, 2000), a respeito do cuidado entre crianças, obteve o índice de 96,1%. E a última (Guanaes & Japur, 2001), sobre manejo terapêutico de um grupo de pacientes

psiquiátricos ambulatoriais, obteve 88% de concordância entre os observadores. O índice de concordância permite ao pesquisador ter um maior controle sobre as variáveis que objetiva estudar, pois ele possibilita a confirmação de que os comportamentos-alvo realmente estão sendo apreendidos.

Sabe-se que, especialmente nos estudos que envolvem interação humana, o recurso áudio-visual possibilita realizar múltiplas análises das respostas dos sujeitos, podendo ainda verificar a dependência ou interdependência entre as mesmas. Ainda assim, questiona-se a objetividade no uso do vídeo, pois no ato de filmar está implícita a direção e a subjetividade de quem está filmando; além disso, a filmagem pode negligenciar aspectos importantes que talvez não tenham sido focalizados (Dessen & Murta, 1997). Complementando, Kreppner (2001) alega que as críticas por falta de objetividade nas pesquisas observacionais não podem ser sustentadas, visto que a utilização do vídeo garante a preservação da situação tal qual observada, permitindo que seja revista durante o processo de análise, inclusive focalizando diferentes aspectos do mesmo recorte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente artigo foi traçar um panorama geral das pesquisas que utilizaram o método observacional e que estão disponíveis *on line* em bases de dados freqüentemente consultadas por estudantes, profissionais e pesquisadores da área da Psicologia. Embora a análise tenha sido apenas um recorte, ela permitiu que se pudesse discutir esse método, considerando sua relevância no meio acadêmico e para a produção de conhecimento. Também possibilitou localizar em quais periódicos e anos ele se mostrou mais utilizado e, especialmente, quais temas estudados foram os mais contemplados.

Vale ressaltar que a necessidade de análise, de questionamentos sobre a fidedignidade e validade dos dados deve ser uma característica constante nas pesquisas observacionais, para que se possa, cada vez mais, aprimorar seu método. Assim como outros, a observação é um importante instrumento de pesquisa, não podendo ser somente avaliado por suas limitações.

Conforme Z. M. M. Alves (1988), muitas vezes pesquisas extremamente rigorosas eram realizadas com exacerbada validação dos instrumentos, levando com freqüência ao reducionismo. Assim, encontravam-se pesquisas perfeitamente corretas quanto às

proposições científicas, entretanto desprovidas de significado e validade.

A esse respeito, convém salientar que o aprimoramento da técnica confere maior credibilidade à observação, uma vez que, quando se levantam estas discussões, pressupõe-se que os pesquisadores saibam destas limitações. Exatamente por isso são feitas contextualizações da situação, estudos bibliográficos e muitas vezes observações mais amplas e qualitativas, na tentativa de sanar estes comprometimentos e realizar estudos seguramente científicos.

Nesse sentido, o primeiro passo para que o conhecimento seja produzido em bases férteis e confiáveis deve ser o entendimento da história, da importância, vantagens e limitações que um método oferece, para que a pesquisa tenha validade e possa ser utilizada devidamente na construção de novos saberes.

REFERÊNCIAS

Obs.: Referências precedidas de um asterisco indicam os estudos incluídos na revisão, mas não referenciados no corpo do texto.

- *Ades, C. (1983). Indicadores indiretos no estudo do comportamento animal. *Psicologia*, 9(2), 1-16.
- *Aguzzolli, M. (1984). Análise da observação de uma criança em fase de desmame. *Psico*, 9(2), 134-141.
- Alexandre, D. T., & Vieira, M. L. (2004). Relação de apego entre crianças institucionalizadas que vivem em situação de abrigo. *Psicologia em Estudo*, 9(2), 207-217.
- *Almeida, A. R., Pereira, C. A. A., & Silva, E. O. (1984). Desobediência ao sinal vermelho: Uma observação naturalística em Uberlândia. *Psicologia e Trânsito*, 2(1), 33-38.
- *Almeida, T. A. C. (2005). *Manutenção do comportamento obsessivo-compulsivo por interações familiares: levantamento de algumas variáveis por meio de observação*. Dissertação de mestrado não-publicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- *Alves, P. B., Koller, S. H., Silva, A. S., Reppold, C. T., Santos, C. L., Bichinho, G. S., Prade, L. T., Silva, M. R., & Tudge, J. (1999). A construção de uma metodologia observacional para o estudo de crianças em situação de rua: Criando um manual de codificação de atividades cotidianas. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 4(2), 289-310.
- Alves, Z. M. M. (1988). Das intercessões do quantitativo e do qualitativo. Em D. G. Souza, V. R. L. Otero, & Z. M. M. Alves (Orgs.), *Das intersecções do quantitativo com o qualitativo* (pp. 487-492). Ribeirão Preto: RBG.
- Alves, Z. M. M. (1998). A pesquisa em psicologia – Análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico. Em G. Romanelli & Z. M. M. Alves (Orgs.), *Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa* (pp. 135-157). Ribeirão Preto: Legis Summa.
- *Amaral, L. A. (1979). Relação mãe-bebê (I). *Alter*, 9(1), 41-54.

- *Amaral, L. A. (2003). Observação de criança: Relação mãe-bebê. *Jornal de Psicanálise*, 6(66/67), 285-293.
- *Amaro, D. G. (2004). *Indícios de aprendizagem de crianças com deficiência em escolas de educação infantil: Roteiro de observação no cotidiano escolar*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- *Appio, D., & Matte, L. D. S. (1999). Método Esther-Bick: Um caminho para a pesquisa qualitativa. *Alethéia*, 10, 51-58.
- *Avoglia, H. R. C. (1997). Observação participativa como estratégia de ensino de técnicas de exame psicológico. *Boletim de Psicologia*, 47(107), 107-110.
- Bandeira, M., Goetz, E. R., Vieira, M. L., & Pontes, F. A. R. (2005). O cuidado parental e o papel do pai no desenvolvimento infantil. Em F. A. R. Pontes, C. M. C. Magalhães, R. C. S. Brito, & W. L. B. Martin (Orgs.), *Temas pertinentes à construção da psicologia contemporânea* (pp. 191-230). Belém: Ed. Universitária UFPA.
- *Batista, C. G. (1977). Concordância e fidedignidade na observação. *Psicologia*, 3(2), 39-49.
- *Batista, C. G. (1978). *Catálogo de comportamentos motores observados durante uma situação de refeição*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- *Batista, C. G. (1985). Estudo observacional das relações comportamento/ambiente no trânsito. *Psicologia e Trânsito*, 1(2), 19-24.
- *Batista, C. G. (1985). Objetivos da avaliação da fidedignidade em estudos observacionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 1(3), 205-214.
- Batista, C. G. (1996) Observação do comportamento. Em L. Pasquali (Org.), *Teoria e métodos de medida em ciências do comportamento*. Brasília: LABPAM e INEP.
- *Batista, C. G., & Matos, M. A. (1984). O acordo entre observadores em situação de registro cursivo: Definições e medidas. *Psicologia*, 10(3), 57-76.
- *Batista, C. G., Nunes, S. S., & Horino, L. E. (2004). Avaliação assistida de habilidades cognitivas em crianças com deficiência visual e com dificuldades de aprendizagem. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 381-393.
- *Benelli, S. J., & Sagawa, R. Y. (2000). Observação da relação mãe-bebê pertencentes à classe trabalhadora durante o primeiro ano de vida. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 17(3), 22-32.
- *Bonini, D. (1999). *Crianças autistas: Observação em grupos lúdicos e avaliação crítica*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- *Brigagão, J. I. M. (1998). *Prostitutas no Jardim da Luz: Dor e prazer na batalha pela sobrevivência*. Tese de doutoramento não-publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- *Brito, R. C. S. (1999). *Divisão do trabalho: Aspectos comportamentais da regulação social do cuidado à prole em *Pachycondyla crassinoda* Latrille, 1802: (Himenóptera: Formicidae: Ponerinae)*. Tese de doutoramento não-publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- *Britto, I. A. G. S., Oliveira, J. A., & Sousa, L. F. D. (2003). A relação terapêutica evidenciada através do método de observação direta. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 5(2), 139-149.
- *Bustamante, V. (2005). Ser pai no subúrbio ferroviário de Salvador: Um estudo de caso com homens de camadas populares. *Psicologia em Estudo*, 10(3), 393-402.
- *Candiota, L. R., Franciosi, M. A., Mendonça, M. J. M., Nemirovsky, P. P., & Longman, J. (1979). Relação mãe-bebê (III). *Alter*, 9(3), 29-43.
- *Cardoso, C. L., & Loureiro, S. R. (2003). Ansiedade frente ao tratamento odontológico em uma clínica-escola: Observação de crianças e alunos. *Psico*, 34(2), 317-331.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (2001). *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (2ª. ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Carvalho, A. M. (2000). Fatores contextuais na emergência do comportamento de cuidado entre crianças. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(1), 81-88.
- *Carvalho, A. M. A., Beraldo, K. E. A., Pedrosa, M. I., & Coelho, M. T. (2004). O uso de entrevistas em estudos com crianças. *Psicologia em Estudo*, 9(2), 291-300.
- *Carvalho, D. R. (1979). *Efeito da verbalização livre, da verbalização dirigida, e da observação na imitação motora, em escolares de níveis socioeconômicos distintos*. Tese de doutoramento não-publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- *Chuster, A. (2000). Entre Freud e Bion: Os princípios ético-estéticos de observação. *Revista de Psicanálise*, 2(7), 185-208.
- *Cintra, C. A., Puoli, D. J. F., Wronski, H., & Junqueira Filho, L. C. U. (1979). Relação mãe-bebê (II). *Alter*, 9(2), 63-75.
- *Corte, J. (2005). *O método da relação mãe-bebê, de Esther Bick, e a formação do psicoterapeuta*. Dissertação de mestrado não-publicada, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- *Costa, P. J. (1997). Observação de bebês: Uma experiência no ensino de psicologia do desenvolvimento. *Psicologia Argumento*, 15(21), 81-90.
- Cozby, P. (2003). *Métodos de pesquisa em ciências do comportamento*. São Paulo: Atlas.
- *Csillag, S. (1997). *Os três primeiros dias de vida: Uma observação dos estados comportamentais do bebê*. Tese de doutoramento não-publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- *Cunha, M. S. R. (1990). Observação de um caso de dermatite atópica infantil: Uma abordagem psicanalítica. *Informação Psiquiátrica*, 2(9), 37-42.
- *Danna, M. F. (1978). *Ensinando observação: Análise e avaliação*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Danna, M. F., & Matos, M. A. (2006). *Aprendendo a observar*. São Paulo: Edicon.
- *Del Prette, Z. A. P. (1990). *Uma análise educativa do professor a partir de seu verbal e da observação em sala de aula*. Tese de doutoramento não publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- *Dessen, M. A. (1995). Tecnologia de vídeo: Registro de interações sociais e cálculos de fidedignidade em estudos observacionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 11(3), 223-227.
- Dessen, M. A. C., & Borges, L. M. (1998). Estratégias de observação do comportamento em psicologia do desenvolvimento. Em G. Romanelli & Z. M. M. Alves (Orgs.), *Diálogos meto-*

- dológicos sobre prática de pesquisa* (pp. 31-50). Ribeirão Preto: Legis Summa.
- Dessen, M. A., & Murta, S. G. (1997). A metodologia observacional na pesquisa em psicologia: Uma visão crítica. *Cadernos de Psicologia*, 1, 47-60.
- Dessen, M. A., & Silva Neto, N. A. (2000). Questões de família e desenvolvimento e a prática de pesquisa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(3), 191-292.
- Dessen, M. A., & Silva, N. L. P. (2003). Crianças com síndrome de Down e suas interações familiares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(3), 503-514.
- *Elali, G. A. (2003). O ambiente da escola – o ambiente na escola: Uma discussão sobre a relação escola-natureza em educação infantil. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 8(2), 309-319.
- Fagundes, A. J. F. M. (1999). *Definição, descrição e registro do comportamento* (12ª ed.). São Paulo: Edicon.
- *Farias, E. P., & Turcheman, S. E. (1988). A observação da relação mãe-bebê e a formação analítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 4(22), 595-609.
- *Ferreira, E. A. P., & Mettel, T. P. L. (1999). Interação entre irmãos em situação de cuidados formais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(1), 133-146.
- Ferreira, V. R. T., & Mousquer, D. N. (2004). Observação em psicologia clínica. *Revista de Psicologia da UnC*, 2(1), 54-61.
- *Figueiredo, C. K. B., & Schermann, L. (2001). Interação mãe-criança e problemas de comportamento infantil em crianças com hipotireoidismo congênito. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(3), 487-495.
- *Gil, H. J. C., & Tunes, E. (1986). Descrição de uma ficha para observação e registro postural de indivíduos sentados. *Psicologia*, 12(2), 47-52.
- *Gomes, B., Matsushima, E., Oliveira, L. E., Santos, M., Ribeiro Filho, N., & Silva, J. A. (1999). Produzindo distâncias para evitar colisões contra um obstáculo fixo em ambiente rígido. *Paidéia*, 9(17), 8-13.
- Guañas, C., & Japur, M. (2001). Grupo de apoio com pacientes psiquiátricos ambulatoriais em contexto institucional: Análise do manejo terapêutico. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(1), 191-199.
- *Guareschi, N. M. F., Weber, A., Comunello, L. N., & Nardini, M. (2006). Discussões sobre violência: Trabalhando a produção de sentidos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(1), 122-130.
- *Guimarães, M. L. Z. (1998). Observação da relação mãe-bebê. *Alter*, 17(1), 71-78.
- *Hachet, A. (2006). Entre prevenir e normalizar, que lugar terá o sofrimento da criança? *Agora*, 9(1), 27-34.
- *Haddad, A. M. S. (1984). *Identificação, descrição e análise da situação alimentar de bebês com fissuras lábio-palatais, através da observação dos comportamentos das atendentes de um hospital de reabilitação de lesões lábio-palatais*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- *Hoebert, N. A. S., Lima, M. P., Biasi, N., Silva, R. M. F., Oliveira, M., & Hoebert, G. A. M. (1985). Desobediência à sinalização: Observação do comportamento dos indivíduos em quatro tipos de veículos em diferentes situações de trânsito. *Psicologia e Trânsito*, 1(2), 25-30.
- *Jaquetti, R. C., & Mariotto, R. M. M. (2004). Sua majestade o bebê: O desafio da formação. *Psicologia Argumento*, 22(39), 35-38.
- *Jung, K. (2003). *Aspectos preditivos da observação direta da relação mãe-bebê e o desenvolvimento ulterior da criança*. Dissertação de mestrado não-publicada, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Kerlinger, F. N. (1980). *Metodologia da pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: EDU/EDUSP.
- *Kodato, S., & Silva, A. P. S. (2000). Homicídios de adolescentes: Refletindo sobre alguns fatores associados. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(3), 505-515.
- *Kreppner, K. (2001). Sobre a maneira de produzir dados no estudo da interação social. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17(2), 97-107.
- *Leão, A. M. C., Garcia, C. A. A., Yoshira, E. V. F., & Ribeiro, P. R. M. (2006). Inclusão do aluno com dismotria cerebral ontogenética: Análise das práticas pedagógicas. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 12(2), 169-186.
- *Leite, M. K. O. S. (1976). *Observação de comportamento em sala de aula: Um procedimento de registro*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- *Leite, M. K. O. S. (1977). Observação de comportamento em sala de aula: Um procedimento de registro. *Psicologia*, 3(2), 51-77.
- *Leite, M. K. O. S., & Leite, S. A. S. (1977). Um procedimento de treino em observação e registro de comportamentos em sala de aula. *Psicologia*, 3(1), 69-76.
- Levandowski, D. C., & Piccinini, C. A. (2002). A interação pai-bebê entre pais adolescentes e adultos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(2), 431-424.
- *Lewin, Z. G. (1979). Códigos verbais restritos: Uma tentativa de modificação baseada em produção de alternativas e observação de soluções. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 31(3), 121-160.
- *Lima, L. T. O. (1990). Algumas notas sobre observação em psicanálise. *Ide*, 19, 96-101.
- *Linhares, M. B. M. (1984). Um método de observação e análise das estratégias maternas de ensino. *Psicologia*, 10(1), 11-25.
- *Löhr, S. S. (1992). *Uma análise de entrevistas com acompanhantes e de observação de crianças com leucemia numa tentativa de sua compreensão psicológica*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- *Lopes Junior, J., & Costa, G. G. (2003). Efeitos das respostas de observação diferenciais sobre a aprendizagem de relações condicionais com estímulos complexos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(1), 71-84.
- *Loureiro, S. R. (1985). *Estudo da interação criança-professora em situação natural de parque infantil: Observação comportamental de um grupo de crianças clinicamente avaliadas*. Tese de doutoramento não-publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo.

- *Louzada, R. C. R., & Silva Filho, J. F. (2005). Formação do pesquisador e sofrimento mental: Um estudo de caso. *Psicologia em Estudo*, 10(3), 451-461.
- Machado, V. L. S. (1984). Um sistema de categorias para a observação da interação verbal professor-aluno. *Psicologia*, 10(1), 63-74.
- *Maimone, E. H., & Tomás, D. N. (2005). Observação do educador infantil pela escala de empenho do adulto. *Psicologia Escolar e Educacional*, 9(2), 269-278.
- *Maltz, R. S. (2004). Terapia das relações primitivas pais-bebê - Um modelo de aplicação do método Bick de observação. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 6(3), 289-300.
- *Martins, J. B. (2003). A atuação do psicólogo escolar: Multirreferencialidade, implicação e escuta clínica. *Psicologia em Estudo*, 8(2), 39-45.
- *Marturano, E. M. (1978). Um método para a observação e análise do comportamento da criança em sala de aula. *Psicologia*, 4(2), 37-73.
- *Medeiros, J. G., Fernandes, A. R., Pimentel, R., & Simone, A. C. S. (2003). Observação, em sala de aula, do comportamento de alunos em processo de aquisição de leitura e escrita por equivalência. *Interação*, 7(2), 31-41.
- *Medeiros, P. C., Loureiro, S. R., Linhares, M. B. M., & Marturano, E. M. (2003). O senso de auto-eficácia e o comportamento orientado para aprendizagem em crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 8(1), 93-105.
- *Melega, M. P. (1981). Dudu - Durante os primeiros 14 meses de vida. *Alter*, 11(1), 19-27.
- *Melega, M. P. (1987). Observação da relação da mãe-bebê: Instrumento de ensino em psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 3(21), 309-327.
- *Melega, M. P. (1995). A supervisão da observação da relação mãe-bebê: Ensino e investigação. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 2(29), 263-282.
- *Melega, M. P. (1997). Pesquisa da atividade simbólica com ênfase no estudo do brincar: Método de observação mãe-bebê Esther Bick. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 3(31), 745-760.
- *Melega, M. P., & Perez-Sanchez, M. (1989). A observação de bebês e a formação analítica. *Ide*, 17, 38-43.
- *Meneghini, R. (2000). *Relação entre as áreas espaciais e interação de crianças pequenas em creches*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Mestre, M. B. A., Moser, A. M., & Amorim, C. A. (1998). Observação e registro do comportamento. *Psicologia Argumento*, 16(22), 45-58.
- *Miranda, R. B. P. (1982). Inter-relação da observação da inter-relação mãe-filho com o trabalho psicanalítico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 3(16), 267-273.
- *Mondin, E. M. C. (2005). Interações afetivas na família e na pré-escola. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 10(1), 131-138.
- *Morais, G. S. (1986). Observação de comportamento em sala de aula - Estilos pedagógicos de professores. *Psicologia*, 12(1), 19-28.
- *Nabeiro, M. (1999). *A pessoa com deficiência visual e o momento: Um novo olhar, uma nova prática*. Tese de doutoramento não-publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- *Oliveira, V. M. B. (1983). *Um estudo das manifestações da função semiótica através da observação do comportamento da criança*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- *Ormos, S. L., Rubiano, M. R. B., & Ferreira, M. C. R. (1993). Amostragens de tempo no estudo da organização social de crianças em creches. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 9(1), 173-191.
- Pan, M. A. G. S. (1997). Psicopedagogia. Em Conselho Regional de Psicologia - 8ª Região (Org.), Anais do IX Encontro Paranaense de Psicologia (pp. 121-124). Foz do Iguaçu: CRP-08.
- *Paravidini, J. L. L., & Quagliatto, H. S. M. (1999). O método da observação psicanalítica e as transformações contemporâneas. *Psicanálise em Debate*, 4(4), 67-74.
- *Perosa, G. B. (1996). A observação das interações mãe-filho na consulta pediátrica: Os desafios na construção de um instrumento. *Temas em Psicologia*, 1, 45-58.
- Piccinini, C. A., Seidl-de-Moura, M. L., Ribas, A. F. P., Bosa, C. A., Oliveira, E. A., Pinto, E. B., Schermann, L., & Chahon, V. L. (2001). Diferentes perspectivas na análise da interação pais-bebê/criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(3), 469-485.
- *Pinto, S. N. (1998). *Observação do comportamento dos neonatos nas primeiras horas de vida: Influências da medicação obstétrica e rotina de parto*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- *Raposo, M., & Maciel, D. A. (2005). As interações professor-aluno na co-construção dos projetos pedagógicos na escola. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(3), 309-317.
- *Resende, B. D., & Ottoni, E. B. (2002). Brincadeira e aprendizagem do uso de ferramentas em macacos-prego (*Cebus apella*). *Estudos de Psicologia (Natal)*, 7(1), 173-180.
- *Ribas, A. F. P., & Seidl-de-Moura, M. L. (1999). Manifestações iniciais de trocas interativas mãe-bebê e suas transformações. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 4(2), 272-288.
- *Rodrigues, T. (1999). Bebês: Observar é preciso. *Psi*, 3(2), 13-26.
- *Roizenblatt, R. (1984). Uma metodologia de observação do jogo em grupo de crianças de nível pré-escolar: Relato de um conjunto de estudos-piloto. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 36(4), 62-68.
- *Roizenblatt, R. (1985). Elaboração de esquemas de análise a partir de observações do comportamento infantil na situação de jogo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 37(2), 47-51.
- *Rosa, J. C. (1995). Reflexões sobre o método da observação da relação mãe-bebê. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 2(29), 299-306.
- *Ruschel, A. E., & Castro, O. P. (1998). O vínculo intergeracional: O jovem, o velho e o poder. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(3), 523-539.
- *Santos, M. F., & Bastos, A. C. S. (2002). Padrões de interação entre adolescentes e educadores num espaço institucional: Resignificando trajetórias de risco. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 45-52.

- *Schermann, L. (1999). Observação do comportamento social. *Psico*, 30(2), 95-102.
- *Schwengber, D. D. S., & Piccinini, C. A. (2004). Depressão maternal e interação mãe-bebê no final do primeiro ano de vida. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(3), 233-240.
- Seidl-de-Moura, M. L., Ribas, A. F. P., Seabra, K. C., Pessôa, L. F., Ribas Jr., R. C., & Nogueira, S. E. (2004). Interações iniciais mãe-bebê. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 295-302.
- *Silva, N. L. P., & Dessen, M. A. (2003). Crianças com síndrome de Down e suas interações familiares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(3), 503-514.
- Silva, R. C. (1998). A falsa dicotomia qualitativo-quantitativo: Paradigmas que informam nossas práticas de pesquisa. Em G. Romanelli & Z. M. M. Alves (Orgs.), *Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa* (pp. 159-174). Ribeirão Preto: Legis Summa.
- *Silvares, E. F. M. (1991). O papel do registro de observação de comportamentos e da quantificação no diagnóstico clínico comportamental. *Psicologia*, 2(1/2), 105-109.
- *Siqueira, L. A., & Andriatte, A. M. (2001). Um estudo observacional sobre o vínculo afetivo de bebês abrigados em instituições sociais. *Boletim de Iniciação Científica em Psicologia*, 2(1), 11-20.
- *Sousa, M. S. I. (1995). Supervisão da observação da relação mãe-bebê. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 2(29), 293-298.
- *Souza, C. B., & Rezende, S. N. (2000). Pacto de desmame e angústia de separação. *Mudanças*, 8(13), 133-150.
- *Souza, M. L. R. (2000). O lugar da observação de crianças na prática analítica. *Psicologia em Revista*, 10, 99-104.
- *Souza, R. A., & Carvalho, A. M. (2003). Programa de saúde da família e qualidade de vida: Um olhar da psicologia. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 8(3), 515-523.
- *Starling, R. R. (1999). Observação direta e medidas do comportamento verbal nas investigações da enfermidade: Um estudo piloto. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 1(2), 107-124.
- *Stirbulov, S. S. L. (1988). *A interação pajem-criança numa creche: Uma tentativa de avaliação*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- *Talberg, G. (1995). A supervisão da observação da relação mãe-bebê. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 2(29), 307-316.
- *Thomaz, A. C. P., Lima, M. R. T., Tavares, C. H. F., & Oliveira, C. G. (2005). Relações afetivas entre mães e recém-nascidos a termo e pré-termo: Variáveis sociais e perinatais. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 10(1), 139-146.
- *Vieira Filho, N. G., & Teixeira, V. M. S. (2003). Observação clínica: Estudo da implicação psicoafetiva. *Psicologia em Estudo*, 8(1), 23-29.
- *Vieira, C. P., & Queiroz, M. S. (2006). Representações sociais sobre o câncer feminino: Vivência e atuação profissional. *Psicologia e Sociedade*, 18(1), 63-70.
- Zamberlan, M. A. T. (2002). Interação mãe-criança: Enfoques teóricos e implicações decorrentes de estudos empíricos. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 7(2), 399-406.
- *Zapata, M. R. C., & Iencarelli Filho, J. (1985). Grupo de observação e triagem de crianças. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 3(34), 171-172.
- *Zuardi, A. W., Loureiro, S. R., Rodrigues, C. R. C., & Pedrão, L. J. (1989). Elaboração de uma escala de enfermagem para observação de pacientes psiquiátricos internados. *Revista ABP-APAL*, 2(11), 69-75.

Recebido: 18/12/2006
 Última revisão: 09/08/2007
 Aceite final: 06/09/2007

Notas:

¹ A metanálise que gerou esse artigo foi realizada em dezembro de 2006.

² Agradecemos especialmente o Prof. Dr. Mauro Luís Vieira, o qual nos orientou nas discussões acerca do tema desenvolvido nesse trabalho dentro da disciplina de “Métodos e Procedimentos de Pesquisa em Psicologia”, do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFSC.

Sobre as autoras:

Débora Staub Cano: Psicóloga, Mestre em Psicologia da UFSC.

Izabela Tissot Antunes Sampaio: Psicóloga. Mestre em Psicologia da UFSC.

Endereço para correspondência: Rua do Viamão, 379 – Guabirota – Curitiba – PR – Endereço eletrônico: izabelatissot@gmail.com